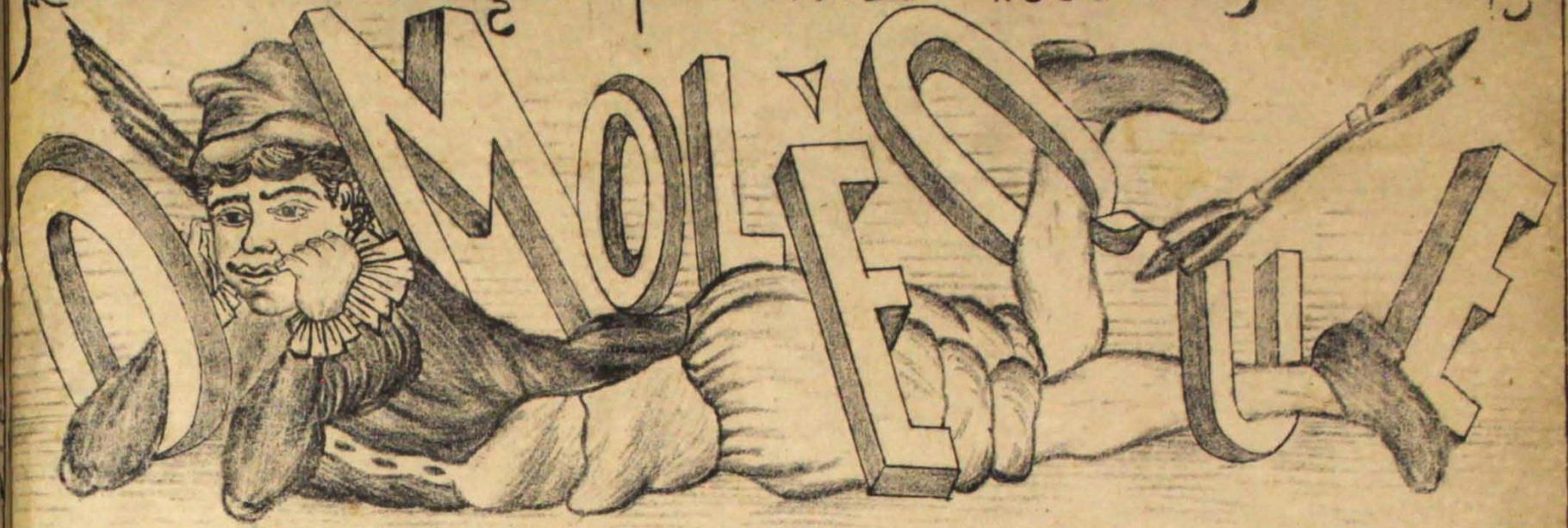


Anno 189

Assign. por mez 1.000 T.S.

Numero 13



Redacção de Cruze e Souza | Propriedade de uma Associação



Enquanto a politica conservadora sóbe gradualmente, as victimas caem... redondamente!

AOS MOÇOS SOLTEIROS

Qual a moça solteira mais bonita do Desterro?

Qual a mais sympathica?

Continua aberta a urna para os votos dos...beija-flôres, nas suas rósas e violetas.

O MOLEQUE

Desterro, 19 de Outubro de 1885.

Abolicionismo

A escravatura, escrevia o « Correo Brasiliense » em Londres, é um mal para o individuo que a soffre e para o estado onde ella se admite, lemos no « *Brazil e a Inglaterra ou o Trafico dos Africanos* ».

No intuito de esboroar, derruir a montanha negra da escravidão no Brazil, ergueram-se em toda a parte apostolos decididos, patriotas sinceros que pregam o avançamento da luz redemptora, isto é, a abolição completa.

O Ceará que foi o berço da litteratura por que deo Alencar, quiz tambem ser a cabeça libertadora da raça escrava deste paiz, e, á golpes de direito e a vergastadas de clarões, conseguiu este Alleluia supremo:

Não ha mais escravo no Ceará.

Não obstante o desenvolvimento gradual, accessivo da grande ideia da democracia sociocrata que prepara os homens, fal-os cidadãos para o trabalho moderno, educado por uma philosophia mais Spenseriana, mais na rasão do seculo evolucionador, apparece a lei do Sr. Saraiva, desmentindo todo o brio patriótico, toda a dignidade civica da nação do Sr. Pedro Segundo.

Uma lei de fancaria, essa; uma lei que escravisa os escravos e documenta com a morte, a liberdade dos mais velhos.

Uma lei que faria rir o proprio Voltair n'uma d'aquellas suas explosões tremendas de ironia phantastica e diabolica.

Entretanto, para organizar por assim dizer, mais exacta e mais verdadeira a ideia abolicionista nesta terra de Oliveira Paiva, o « Moleque », que sempre alargou todos os seus sentimentos altruistas, pela causa da humanidade servil, que é a causa do futuro, começa a publicar hoje alguns fragmentos de uma brilhante conferencia Abolicionista do seu pujantissimo redactor, sobre esse assumpto, feita na sala da redacção da «Gazeta da Tarde » da Bahia.

Concluida que seja esta, publicará um discurso do mesmo, pronunciado no theatro S. João, por occasião da libertação total do luminoso Ceará e assim, successivamente, o « Moleque » prestará o seu humanitario auxilio para movimentar de certa forma mais inteira, mais entusiasta, a abolição entre nós.

« Estamos em face de um acontecimento estupendo, cidadãos:
A abolição da escravatura no Brazil.
Neste momento, do alto desta tribuna, onde se tem derramado em ondas de inspiração, o verbo vigoroso e masculino de diversos outros oradores, eu vou tentar vibrar nas vossas almas cidadãos, no fundo de vossos corações, brasileiros, os grandes sentimentos emanados da abolição; eu vou appellar pára vossas mães, para vossos filhos, para vossas esposas.

A abolição, a grande obra do progresso é uma torrente que se despenca; não ha mais pôr-lhe embaraços à sua carreira vertiginosa.

As consciencias compenetraram-se dos seus altos deveres e caminham pela vereda da luz, pela vereda da Liberdade, igualdade e fraternidade, essa triologia enorme, pregada pelo philosopho do Christianismo e ampliada pelo author dos—*Chatiments*,—o velho Hugo.

Já è tempo cidadãos, de impuuharmos o archote incendiario das revoluções da ideia e lançarmos a luz onde houver treva, o riso onde houver pranto a abundancia onde houver fome.

Basta de gargalhadas!
Este seculo se tem rido muito e se o riso é um caustico para a dôr physica, é um veneno para a dôr moral e o sécl'o ri-se á porta da dor, ri-se como um Voltairre, ri-se como um Polichinello.

O riso, cidadãos, torna-se a synthese de todos os tempos.

Mas, ha occasiões que se observam as palavras da escriptura:
Quem com ferro fere com ferro será ferido.

E então, o riso, esse riso secular que zombou da lagrima, levanta-se á favor della e por seu turno cancanêa, vinga-se tambem.

E' ahi que desaparecem na noite da historia os Carlos I e Luiz XVI, as Maria Antonieta e Rainha Isabel, é ahi

que desaparece o espectro, para dar lugar á republica, a unica forma de governo compativel com a dignidade humana, na phrase de Assis Brasil, no seu bello livro—*Republica Federal*.

(Continúa)

Cruz e Souza

Cartas Litterarias

A VIRGILIO VARZEA E CRUZ E SOUSA

Sob o titulo acima, publicamos hoje, duas philosophicas e scintillantissimas cartas dos adiantados e criteriosos escriptores evolucionistas, cujo senso critico e scientifico, tem sido appoiado por numerosas folhas nacionaes e estrangeiras—Moreira de Vasconcellos e Pinto da Rocha:

« Carissimos amigos.

«Acabo de receber neste momento o correctissimo livro de vocês.

Desde muito que tinha noticias d'elle, por diversas opiniões—e algumas bem tolas—a seu respeito, inseridas em alguns jornaes do nosso paiz.

Não desanimem nem se retrahiam por isso.

A imprensa, como vocês não devem ignorar, é, no Brazil, o que ha de mais atrasado e cavallar, vive no *ran-ran* dos factos pequeninos, tôlos, réles, de cada dia, e não sae d'ahi, e não sae, por duas rasões: porque em geral não tem capacidade e porque o publico não entenderia qualquer outra cousa.

A imprensa é o que ha de mais incompetente para julgar obras de estylo e de arte, como os « *Trópos e Phantasias* », por isso persiste na banalidade, quando não aponta defeitos que são *bellezas*, de « felicitar e animar os jovens estreantes », ou outra qualquer tolice a Conselheiro Accacio.

Dos jornaes que conheço, e conheço muitos, os unicos, não bons, mas passaveis são o « *Diario Mercantil* » de S. Paulo, o « *Vassourense* », o « *Diario do Brasil* », a « *Provincia do Pará* », e mais um ou dous de que não me recorda agora; todos os outros são totalmente ineptos.

Quanto ao publico, talvez não existam no Brazil, vinte individuos capazes de conhecer o valor de um escripto litterario de certa elevação. Estamos muito atrasados do que Portugal e se não fossem os illustres escriptores desse paiz, ainda nos achariamos nos tempos de Gonçalves Dias e do romancista Macedo que são os que actualmente, e só agora o grosso publico vae entendendo...

Isto quer dizer que desanimem?

Certamente que não; nem isto é possível em quem tem verdadeiro talento. Vocês marcham para a celebridade; portanto, vão trabalhando com fanatismo, com escrúpulos de artista, com adorações de crente, tenazmente, persistentemente, como dous operarios modernos.

Abraço-os fraternalmente.

Escrevam-me.—Moreira de Vasconcellos.—Mossoró, 30 de julho de 1885.

A PROMESSA DE MARCOLINA

A janella da sala deixava entrar os abundantes clarões da lua. Marcolina estendeu os braços ao céu illuminado:

—Meu Deus! amparae a sua alma, e protegei-nos, santo lenho Jesus!

Richard sahia nesse momento da alcova.

Marcolina correu ao seu encontro:

—Não se chama um padre, não se chama um medico!

—Ella não quer ninguem. Pediu-me apenas que lhe desse o seu crucifixo de marfim, quando estivesse para entregar a alma a Deus.

Ficaram ambos a ouvir os doces murmurios da noite, aclarados pelos raios da lua misericordiosa e eterna.

—Que desgraça, Marcolina!

—E' uma desgraça, sim, uma desgraça irremediavel, Richard!

Parece que Nossa Senhora, com pena de mim, arrancou-me do seio o coração e fez me estatua para poder supportar todas estas desventuras. E Anninha, Richard? e Anninha?

—Pela salvação de minha alma, que amo!

—Ama Anninha? Você a quer pera si? Diga!

—Seria a minha unica ventura! exclamou o moço levantando a cabeça ao céu, como se exigisse o testemunho dos anjos.

Um clarão divino cobrio o rosto de Marcolina, que se fez de uma belleza ideal.

—Seria a sua unica ventura? disse ella sorrindo, com os olhos humidos e o regaço offegante.

—Seria.

—Louvado seja Deus! bradou a menina apertando as mãos de Richard e despendendo um suspiro de ineffavel contentamento.

A porta da alcova appareceu a cabeça da Anninha.

—Marcolina!

A viuva agonisava. Estremeciam-lhe as magras mãos, cingidas sobre o crucifixo, humido de suor e de lagrima.

Quando Marcolina ajoelhou-se aos pés da cama, a pobre mulher exhalava o deradeiro suspiro, articulando ainda:

—Deus receba a minha alma.

Anninha sahio do quarto nos braços de Marcolina e de Richard, inanimada e fria.

IV

Richard continuou a frequentar a casa daquellas duas crianças desamparadas.

Anninha expirava aos poucos, como uma musica, como um perfume, como um bonito dia de verão; ia acabando naturalmente, sem que ninguem descobrisse por traz das melancolias da menina a figura inexoravel da Morte.

Richard pedio oficialmente, isto é, a Marcolina, a mão de Anninha.

Marcolina participou o occorrido à irmã. Anninha abaixou a cabeça e poz-se a chorar.

—Porque choras?

—Porque vou morrer. A alma de mãe está me chamando, Marcolina!

Houve um enterro, cujo esquife sahia da vizinhança, e Anninha assistio á funebre cerimonia, como se fosse a festa do seu casamento.

(Continua)

Poemas

XVIII $\times 1 \times$

A Rainha desceu do Capitolio agora mesmo—vêde-lhe o regaço como tem flores, como traz o braço, farto de joias, como pisa o solio triumphalmente, n'uma unção, n'um óleo mais santo e doce que essa luz do espaço.. E como desce com bravura de aço...

Pois se a rainha como um rico espolio o seu brioso coração foi dando aos pobresinhos que inda estão gosando bençãos mais puras q' os clarões diurnos, por certo que hade vir descendo a escada do Capitolio da virtude—olhada pelos Albergues infantis, nocturnos!

Cruz e Souza.

Piparotes

A Regeneração disse nos «Dizia-se hontem» que iam ter uma policia dos diabos por estar um diabo na policia.

Agora fallamos por nossa vez.

Que diabo de policia dos diabos será

o diabo da policia, guiada por um diabo! Serà o...diabo!

Em todo o caso o diabo não fica só, acompanha-o como sub, o sr. José Gonçalves—um diabinhosinho, gordo como o diabo, porem menos barbado, menos barbado...

Lá isso, honra lhe seja.

Não obstante é um sub de patente e não sabemos se elle é como o rapé, viajado, queremos diser, experimentado no negocio, mesmo assim cremos que ha de ser um diabinhosinho dos diabos.

Sahirá ao pae...o delegado.

E quem sae aos seus...não degenera... Alleluia, pelo sub.

Foi demittido do cargo de commandante da Policia, o digno cidadão o illm. sr. Almeida.

A não ser por uma raivinha de dentes dessa grande creança a politica, não achamos rasão para encaixar esse acto da presidencia.

O sr. capitão Almeida, é uma individualidade credora de estima e sympathy porque liga á firmeza de caracter a firmeza do trato.

Nunca tivemos ludibrio nem ovacões para os que não merecem.

Não precisamos curvar a nossa espinha á bajulação servil e torpe.

Caim merece ser punido, punimos Caim; Abel merece ser laureado, laureamos Abel.

Nisto, a nossa consideração para os bons, o nosso sarcasmo para os máos.

Muitos perguntam ás veses quando nos leem, em que nos fiamos.

Fiamo'-nos em nos mesmos, no direito commum do pensamento humano, na confraternisação dos grandes principios da igualdade, que presamos, que admiramos.

Fiamo'-nos ainda, nisto:

Na communhão livre das almas, na crença de que na terra só vemos espiritos e corações e não preconceitos de cores e arreganhos de potentados.

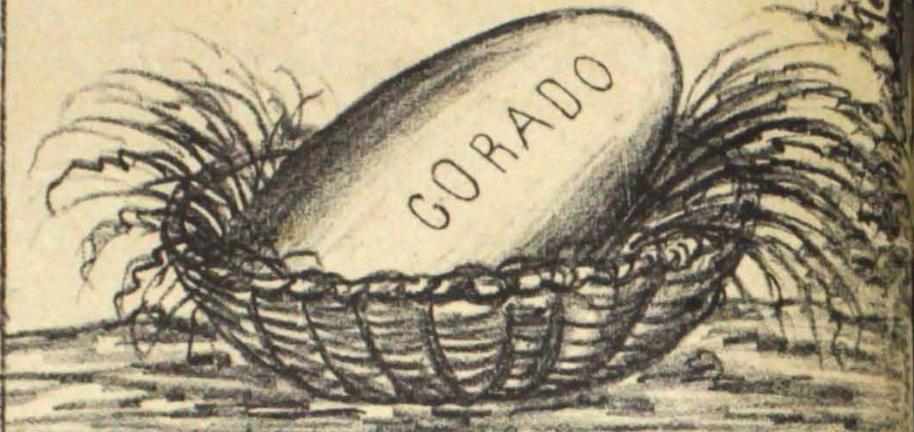
Fiamo'-nos neste poder absoluto da sciencia sociologica:

Todos os homens são iguaes em face da natureza.

Trac.



Ao mesmo tempo que a rôla
vôa... emigra... a taposa... rói o osso.



Logo vimos que a candidatura do Coutinho dava nisto...



Qual a moça mais bonita?
Qual a mais sympathica? — Venham esses vós
... não ranciosa



Julho

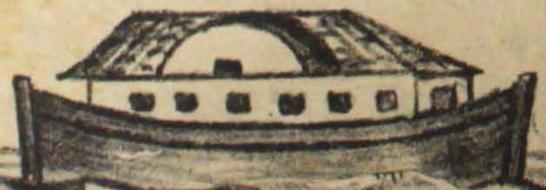


Setembro

(4)



(5)



(6)

Abrimos espaço para esta produção d'um amigo
ao Snr. A. Costa.
O desenhista pede p^a seguir-se a ordem indicada pelos algarismos, por ter saído alterado o desenho.

F.C.